

José Antonio Pereira da Silva  
*(Organizador)*

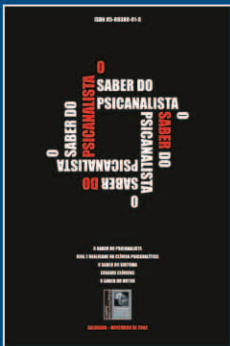


# MODALIDADES DO GOZO

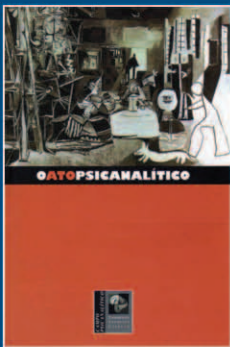
CAMPO  
PSICANALÍTICO



Transmissão  
Pesquisa  
Clínica



**2002**



**2003**



**2004**



---

MODALIDADES DO GOZO





José Antonio Pereira da Silva  
(Organizador)



# **MODALIDADES DO GOZO**



Novembro de 2007  
Salvador - Bahia

© 2007, Associação Científica Campo Psicanalítico

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta coletânea poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

### **MODALIDADES DO GOZO**

Publicação da Associação Científica Campo Psicanalítico

Rua Humberto de Campos 144 Sala 901

Graça - Salvador – Bahia. CEP. 40150-130

Tel/Fax (71) 3245-5681

accp@campopsicanalítico.com.br

www.campopsicanalítico.com.br

### **Diretoria da Associação Científica Campo Psicanalítico**

Diretora: *Ida Freitas*

Secretária: *Jamile Abdala*

Tesoureiro: *Jairo Gerbase*

### **Comissão Editorial**

*José Antonio Pereira da Silva, Angélica Teixeira, Amélia Almeida,  
Cristiane Oliveira, Romilson Nascimento, Sonia Magalhães*

### **Edição Gráfica**

*2designers@uol.com.br*

### **Revisão**

*Solange Mendes da Fonseca*

### **Capa**

*Sonia Magalhães - Os Piões*

---

M689 Modalidades do gozo / José Antonio Pereira da Silva (organizador).  
- Salvador: Associação Científica Campo Psicanalítico, 2007.  
204 p. : il.

ISBN 85-89388-12-2

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Psicanálise. 3. Prazer.  
4. Sexo (Psicologia). 5. Desejo. 6. Crime sexual. 7. Orgasmo.  
8. Excitação sexual. I. Silva, José Antonio Pereira da.

CDD - 152.42

---

**Apresentação, 7**

*José Antonio Pereira da Silva*

CONFERÊNCIAS

**A biopolítica na genealogia da psicanálise: da salvação à cura, 13**

**Sobre a passagem ao ato, 37**

*Joel Birman*

MODALIDADES DO GOZO

**O gozo da análise, 63**

*Ida Freitas*

**Amor, desejo e gozo, 71**

*Jairo Gerbase*

**O gozo sexual, 87**

*José Antonio Pereira da Silva*

**O gozo partido, 95**

*Olga Sá*

FIGURAÇÕES DO GOZO

**O gozo da violência, 107**

*Angélia Teixeira*

**Algumas considerações sobre psicanálise e dor, 117**

*Elaine Starosta Foguel*

**Os gozos e o gozo do consumo, 123**

*Marcus do Rio Teixeira*

**O gozo do corpo, 133**

*Marianita Requião de Castro*

ESTRUTURAS E GOZO

**Um mal-estar estrutural do saber – a debilidade mental, 141**

*Sonia Campos Magalhães*

**FPS: um nome que (re)fero o corpo. Um nome de gozo, 151**

*Jamile Abdala*

**Penso, logozou, 157**

*Soraya Carvalho*

**Gozo da psicose, 165**

*Maria da Conceição Almeida Vítá*

DISCURSO E GOZO

**Notas sobre o predador - destinos atuais do narcisismo e de sua cultura, 173**

*Eduardo Cunha Leal*

**Homem, mulher e analista: uma questão de argumentação, 187**

*Silvana Pessoa*

**Pé de galinha não mata pinto?, 195**

*Vitória A. Cabral Martins*





# Apresentação

“Modalidades do Gozo” foi o tema de estudo do Campo Psicanalítico em 2006. Foi pesquisado e debatido o conceito de gozo na psicanálise, circunscrevendo-os nas suas diversas categorias discursivas. Para trabalhar as modalidades do gozo, foram tomadas como referências iniciais: a teoria aristotélica das frases declarativas assertóricas, cuja afirmação ou negação da castração do sujeito é considerada como real, distinguindo-a entre Universal e Particular; a teoria da Lógica Modal, também de Aristóteles, que consiste em opor as categorias Necessário e Contingente, Impossível e Possível, e o ensino lacaniano sobre o campo do gozo que, ao tratar das modalidades do gozo, relaciona os quadros assertórico e modal de Aristóteles com as fórmulas quânticas da sexualidade, construídas por Lacan em *O saber do Psicanalista* em que modifica o quadro da oposição de Aristóteles, mantendo a contradição entre Necessário (§ sempre é castrado) e Contingente (§ às vezes é castrado), e estabelece como *indecidível* a relação entre Impossível (§ nunca é castrado) e Possível (§ às vezes é castrado).

Lacan, ao tratar novamente das modalidades do gozo no Seminário 20: *Mais, ainda*, diz que o gozo é **Contingente** quando **pára de não se escrever**, que às vezes se escreve, que se escreve quando há encontro; é **Necessário** quando não **pára de se escrever**, que sempre se escreve, é rotina; é **Impossível** quando não **pára de não se escrever**, que nunca se escreve, é do real. Já no Seminário 24: *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, Lacan volta à fala do gozo **possível**, como aquele que **pára de se escrever**, pára o menos possível de se escrever, quando diz que o homem se inclina para o prazer e que isto quer dizer que, no nível do prazer, o homem pende para o menor padecimento, para sofrer o menos possível.

Desenvolveu-se amplamente um estudo sistemático das formas de gozar do ser falante, que Lacan, no seu ensino, classificou em três: o gozo fálico, o gozo do sentido e o gozo Outro. Tratou-se da presença destes gozos nas estruturas clínicas e seus possíveis efeitos. É sobre estes efeitos e modos que uma análise, via o discurso do analista, pode incidir de maneira a possibilitar ao sujeito verificar o que regula o seu gozo.

Esta coletânea – *Modalidades do Gozo* – é a sexta na série de coletâneas do Campo Psicanalítico. Está distribuída em duas **Conferências** e quatro seções: ***Modalidades do Gozo, Figurações do Gozo, Estruturas e Gozo, Discurso e Gozo.***

Em **Conferências**, o psicanalista Joel Birman faz, na primeira, um amplo percurso sobre “A Biopolítica na Genealogia da Psicanálise: da salvação à cura”, demarcando a passagem histórica entre o ideal da salvação para o da cura no Ocidente, indicando os efeitos do processo de medicalização do social realizado pela biopolítica, delineando em seguida os diversos desdobramentos da biopolítica nos primórdios do discurso da psicanálise. Na sua segunda conferência, com o título “Sobre a passagem ao Ato”, Birman evidencia uma discussão sobre a problemática da passagem ao ato, partindo da exposição de uma história real, que se inscreve no limite retórico entre uma narrativa clínica e um inquérito policial.

Na seção **Modalidades do gozo**, estão quatro artigos. No primeiro, Ida Freitas aborda “O gozo da análise”, questionando inicialmente se existiria um gozo próprio ao dispositivo analítico, além do gozo do sintoma. Ressalta que, se o que leva o sujeito à análise é seu sintoma, que é um modo como cada um goza do seu inconsciente, não é possível pensar a entrada em análise sem que o gozo esteja aí implicado. A partir desta afirmação, ela vai precisar, no seu artigo, qual o possível gozo experimentado em uma análise.

No segundo artigo, “Amor, desejo e gozo”, Jairo Gerbase destaca que estes três signos andam juntos, são signos do discurso, e os analisa tomando a indicação de Lacan, quando diz que o gozo do Outro, do Outro com *A* maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor. Observa que, em psicanálise, não se trata do amor, mas do desejo que mostra a falta [- $\varphi$ ] e do gozo que faz Um, porque Há Um. E conclui defendendo o ponto de vista de que a ética da psicanálise é *não ceder do seu gozo*, em vez de lançar mão do conhecido enunciado, *não ceder de seu desejo*.

Em seguida, José Antonio Pereira da Silva trabalha a questão de como tratar *o gozo sexual* a partir da constatação de que existe um sexo que não tem um referente que o represente no inconsciente, fazendo uma reflexão sobre o matema d’asexo(ualidade), enunciado por Lacan, e sobre a distinção do gozo sexual masculino e feminino,

gozo todo ou não-todo, respectivamente. Conclui que o gozo não convém à relação sexual, mas vem a todo ser falante.

Olga Sá, no quarto artigo dessa seção, com o tema “O gozo partido”, propõe que se repense a idéia de que os sujeitos devam ser divididos entre quem está do lado do gozo fálico e quem está do lado do gozo do Outro. Considera mais pertinente pensar no *gozo partido*, e não na partilha dos sujeitos entre os gozos. Acredita que a noção de *gozo partido* é mais coerente com a defesa de uma possibilidade de abordagem terapêutica dos sintomas que não se deixam circunscrever à dimensão fálica e apontam para um gozo Outro.

A seção **Figurações do gozo** reúne quatro artigos. No primeiro, Angélia Teixeira trabalha o gozo da violência na perspectiva de Freud e Lacan. Já Elaine Foguel faz algumas articulações entre psicanálise e dor, pesquisando as evidências da dor na clínica sob transferência e situando a questão da construção de um conceito de dor no campo psicanalítico. Ressalta que a dor é um Outro que goza no corpo de alguém, que, para a psicanálise, a dor é uma afecção real, independente de haver ou não lesão de tecido. Ressalta ainda que o tratamento psicanalítico deve ir além do sintoma médico para que assim se estabeleça a neurose de transferência.

Marcus do Rio Teixeira, no terceiro artigo dessa seção, analisa o consumo com a ênfase recaindo sobre o gozo, com a questão preliminar: de que gozo se trata quando falamos do *gozo do consumo*? Retoma, no artigo, a distinção dos três tipos de gozo, na teorização final do ensino de Lacan. Responde no final que, talvez no capitalismo, o consumo não seja afinal o gozo do objeto, mas uma forma de ser gozado.

Na seqüência, Marianita Requião de Castro, ao falar do *gozo do corpo*, adverte que o gozo relacionado ao não-todo, que Lacan diz ser também dos místicos, gozo sempre do Outro, ele o chama, também, “gozo do corpo”, o qual se opõe ao fálico. Conclui o seu artigo, observando que lá onde o “isso goza”, o “eu que fala” há de advir.

**Estruturas e gozo**, terceira seção da coletânea, traz o artigo de Sonia Magalhães – “Um mal-estar estrutural do saber: a debilidade mental” –, no qual a autora se interroga sobre o que a psicanálise, a partir de Lacan, em vários momentos do seu ensino, tem a dizer em relação ao débil. A questão da tendência a se fazer uma aproximação

entre o débil e o psicótico é examinada pela autora. Jamile Abdala, em “FPS: um nome que (re)ferre o Corpo”, discute sobre os diferentes modos de respostas dos sujeitos diante da mesma afecção, destacando que, em alguns, podem ocorrer respostas psicossomáticas e, em outros, respostas sintomáticas. Soraya Carvalho, no artigo “Penso, logozou”, aborda o modo de gozo do obsessivo, partindo da afirmação de que o desejo é uma defesa contra o gozo. Privilegia no trabalho a especificidade do gozo na neurose obsessiva, que chama do gozo de pensar ou o gozo do pensamento. Conceição Vita, a partir da questão – qual seria a diferença entre a compulsão à compra do neurótico e a compra desregrada no quadro de mania? –, observa que, enquanto na neurose o gozo é da ordem do gozo fálico e gozo da vida privada, na psicose é da ordem do gozo Outro e um gozo que opera no público.

Por fim, a seção **Discurso e gozo** traz Eduardo Leal Cunha que, a partir da descrição da imagem de uma escultura, na qual com um bote o predador captura a sua vítima, e do questionamento sobre o que faz uma cena tão violenta diante de um hotel de lazer, busca explicação metapsicológica para assim desvendar as tramas fantasmáticas, o desejo e o gozo que percorrem tal cena. Destaca ao final que a cena da predação põe em suspensão a perda da onipotência narcísica implicada no reconhecimento do outro, morto ou vivo. Silvana Pessoa, no artigo “Homem, mulher, analista: uma questão de argumentação”, destaca que os seres responderão à sua maneira, à pergunta: “quem pode ser dito homem, mulher ou analista?” Com um título provocador, “Pé de galinha não mata pinto”, Vitória Martins desenvolve o seu trabalho referenciada em um caso clínico, no qual atende a mãe de um toxicômano. Ao questionar da paciente “será que não mata?”, em alusão a sua frase, que toma como título deste artigo, reflete sobre a relação das mães de toxicômanos com seus filhos. Analisa os manejos clínicos necessários para trabalhar a subjetividade dessas mães como uma forma de ressignificar tais relações.

Desejamos uma boa leitura!

*José Antonio Pereira da Silva*